



ANAIS DO XXXII COLÓQUIO CBHA 2012

DIREÇÕES E SENTIDOS DA HISTÓRIA DA ARTE

Organização

Ana Maria Tavares Cavalcanti

Emerson Dionisio Gomes de Oliveira

Maria de Fátima Morethy Couto

Marize Malta

Universidade de Brasília

Outubro 2012



Pintura histórica nas Exposições Gerais da Academia Imperial de Belas Artes.

Maraliz de Castro Vieira Christo - (UFJF-CBHA)

Resumo: As Exposições Gerais promovidas pela Academia Imperial de Belas Artes foram palco privilegiado para a pintura de temas ligados à História do Brasil. Se faz necessário conhecer essa produção, estabelecendo-se que temas foram abordados, quando, como e por que.

Palavras-chave: Pintura histórica. Exposições Gerais de Belas Artes. História do Brasil.

Abstract: The General Exhibitions sponsored by the Imperial Academy of Fine Arts were a prominent stage for painting on themes related to the history of Brazil. Thus, a knowledge of these works is essential, establishing what themes were covered, when, how, and why.

Keywords: Historical Painting, General Exhibition of Fine Art, History of Brazil.

A presente comunicação visa apresentar projeto de pesquisa em andamento sobre a pintura de temas da história brasileira nas Exposições Gerais da Academia Imperial de Belas Artes (EGBA).

Já há algum tempo, estudamos a representação de temas relativos à História do Brasil, através da análise de alguns quadros paradigmáticos, como os de Pedro Américo e Victor Meirelles. Entretanto, a ausência de uma visão de conjunto sobre a produção brasileira, relativa ao gênero da pintura histórica, sempre nos inquietou. Agora, formulamos projeto de pesquisa visando identificar o maior número possível de obras produzidas durante o período imperial. Como forma de operacionalizar a pesquisa, optamos por conhecê-las inicialmente no âmbito das Exposições Gerais de Belas Artes, locus privilegiado do discurso oficial em torno da construção da memória nacional. Ao participarem das EGBA as obras ganham maior visibilidade, sendo possível se ter um pouco mais de informações sobre elas.

A partir de duas fontes, a sistematização dos catálogos das exposições publicada por Carlos Roberto Maciel Levy,¹ para o período monárquico, e o estudo realizado sobre as elas pelo Prof. Donato Melo Jr.,² levantamos as pinturas de temas ligados à História do Brasil nas 26 exposições gerais realizadas entre 1840 e 1884.

¹ Levy, Carlos Roberto Maciel. *Exposições Gerais da Academia Imperial e da Escola Nacional de Belas Artes. Período Monárquico*. Catálogo de artistas e obras entre 1840 e 1884. Rio de Janeiro: Edições Pinakotheke, 1990.

² MELLO JÚNIOR, Donato. "As exposições gerais na Academia Imperial das Belas Artes no 2º Reinado". *Revista do IHGB - Anais do Congresso de História do Segundo Reinado*- Comissão de História Artística. Rio de Janeiro: IHGB, 1984, p. 203-352.

Pesquisa quantitativa

O primeiro problema enfrentado pela pesquisa foi a definição do corpus documental. Se o objetivo era estudar temas concernentes à História do Brasil, como selecionar as obras? O que parecia óbvio tornou-se complexo a partir da própria dificuldade em se caracterizar a pintura histórica na segunda metade do século XIX. Assim nos perguntávamos: a pesquisa deveria incorporar os retratos históricos? As paisagens históricas? Os temas literários, como os indianistas? Ambicionando entender que visões da História do Brasil perpassavam as obras apresentadas nas EGBA, optamos por ampliar a linha demarcatória entre os gêneros, guiando-nos pela própria História do Brasil em construção ao longo do século XIX. Cabe ressaltar, portanto, certa arbitrariedade na seleção das obras e reconhecer que outras poderiam ter sido as escolhas.

É igualmente importante deixar claro que, pelo fato de buscarmos compreender como os temas foram representados, valorizaram-se tanto as grandes obras, quanto os pequenos esboços expostos, ou mesmo obras esteticamente menos expressivas. Entretanto, estamos cientes da diferente forma de circulação e recepção dessas obras. (Veja tabela na próxima página)

Uma vez definidos os critérios, levantamos para o período 65 obras. Procuramos analisá-las a princípio quantitativamente, percebendo a recorrência de temas e, em contra partida, o esquecimento de outros, como se pode observar no quadro em anexo. Também aqui se

| PERÍODO | TEMA | SUB.TEMA | n. de obras | |
|-------------------|------------------------------|--------------------------------|--------------|-----------|
| Passado português | Navegações | | 12 | 12 |
| | | | | |
| Colônia | Indianismo | | 7 | 24 |
| | Descobrimento | | 4 | |
| | Repressão | Conjuração Mineira | 4 | |
| | | Inquisição | 1 | |
| | | X ociosidade | 2 | |
| | Expulsão dos holandeses | | 3 | |
| | Sertanejo-Bandeirante | | 1 | |
| | Jesuítas | | 1 | |
| | | | | |
| Império | Guerras | Guerra do Paraguai (1864-1870) | 15 | 29 |
| | | Guerra do Prata (1851-1852) | 1 | |
| | Atos solenes | Pedro I | 2 | |
| | | Pedro II | 2 | |
| | | Princesa Isabel | 3 | |
| | Naufrações | | 3 | |
| | Escravidão | Abolição gradual | 2 | |
| | Revolta Praieira (1848-1850) | | 1 | |
| | | | Total | 65 |

enfrentou o problema inicial de se estabelecer categorias que permitissem agrupar as obras identificadas.

A partir deste tratamento quantitativo, algumas conclusões se tornaram evidentes.

Ao contrário dos outros países da América Latina, a pintura histórica brasileira privilegia o período colonial,

destacando positivamente as grandes navegações e a descoberta do Brasil, a ação catequética dos jesuítas e o amor trágico das índias pelos brancos, a expansão para o interior e a expulsão dos holandeses.³

Apesar de muitas terem sido as revoltas do período colonial, várias duramente reprimidas, elas não foram apresentadas nas Exposições Gerais de Belas Artes, excetuando-se poucos trabalhos sobre a Conjuração Mineira.⁴ Também, no final do século, outro tema tabu aparece: a repressão à ociosidade. Embora representando episódios relativos ao período colonial, a repressão à ociosidade é tema caro a uma sociedade que está gradativamente abolindo a escravidão.⁵

³ **Descobrimto:** *Desembarque em Porto Seguro de Dom Pedro Álvares Cabral e plantação da cruz pelos selvagens (esboço)*, Rafael Mendes de Carvalho (EGBA 1842); *Pedro Álvares Cabral, descobridor do Brasil*, Louis Auguste Moreau (EGBA 1843); *A primeira missa no Brasil*, Victor Meirelles de Lima (EGBA 1862); *Elevação da cruz*, Pedro José Pinto Peres (EGBA 1879). **Expulsão dos holandeses:** *Magnanimidade de Vieira*, José Correa de Lima (EGBA 1841); *Dona Maria de Souza em Pernambuco*, José Correa de Lima (EGBA 1848); *Primeira batalha de Guararapes*, Victor Meirelles de Lima (EGBA 1879). **Indianismo:** *Paraguassú e Diogo Álvares Correa*, Jules Le Chevreil (1862); *Moema*, Victor Meirelles de Lima (1866); *Exéquias de Camorim* [Canto I da Confederação dos Tamoios], Antônio Firmino Monteiro (EGBA 1879); *Ceci no banho*, romance de José de Alencar; Francisco Aurélio de Figueiredo e Melo (EGBA 1884); *Iracema*, José Maria de Medeiros (EGBA 1884); *Marabá*, Rodolfo Amoedo (EGBA 1884); *O último Tamoio*, Rodolfo Amoedo (EGBA 1884). **Jesuítas:** *Nóbrega e seus companheiros*, Manoel Joaquim de Melo Corte Real (EGBA 1843). **Sertanejo-bandeirante.** *Descoberta das águas termais de Piratininga*, Felix Émile Taunay (EGBA 1841). CHRISTO, Maraliz de C. V., *A América portuguesa representada nas Exposições Gerais de Belas Artes oitocentistas*. Comunicação apresentada no III Colóquio de Estudos sobre Arte Brasileira do Século XIX – Intercâmbios Culturais entre Brasil e Portugal, em 31 de Agosto de 2012.

⁴ *Tomás Antônio Gonzaga*, João Maximiano Mafra (EGBA 1843); *Resposta de Joaquim José da Silva Xavier (Tiradentes), ao Desembargador Rocha, no ato da comutação de pena aos seus companheiros, depois da missa/ Esboço*, Leopoldino Joaquim Teixeira de Faria (EGBA 1876); *Alvarenga Peixoto no desterro*, Antônio Firmino Monteiro (EGBA 1884); *O tiradente/ estudo de cabeça*, Francisco Aurélio de Figueiredo e Melo (EGBA 1884).

⁵ *Um cárcere: cena do quinto ato da tragédia Antônio José*; Joaquim Lopes de Barros Cabral (1860); *O Capitão João Homem*, Antônio Firmino Monteiro (EGBA 1884); *O Vidigal*, Antônio Firmino Monteiro (EGBA 1884).

Praticamente metade das obras produzidas sobre o período imperial representou temas ligados à Guerra do Paraguai⁶. Dentre os países envolvidos na tríplice aliança (Argentina, Brasil e Uruguai), o estado imperial brasileiro foi o único a fazer altos investimentos na constituição da memória de seus feitos. O conflito possibilitou aos pintores a realização de grandes obras, atualizando um gênero em desuso: a pintura de batalhas. Entretanto, mesmo em relação às encomendas oficiais, é possível perceber, em alguns momentos, posição crítica dos artistas frente à própria guerra, como na *Batalha de Avaí*, de Pedro Americo, que enfatiza o caos do combate em detrimento dos grandes personagens.⁷

Os conflitos envolvendo Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai são antigos, passando pela Guerra Cisplatina, de 1825 a 1828, e pela Guerra do Prata, de 1851 a 1852. Antes da eclosão da Guerra do Paraguai, a ação de

⁶ **Guerra Paraguai:** *Passeio dos Voluntários da Pátria pelas ruas do Rio de Janeiro depois da primeira reunião no teatro Lirico/ Esboço*, Antônio Araújo de Souza Lobo (EGBA 1865); *Ataque à praça de Paissandu pelo Capitão Peixoto no dia 6 de dezembro de 1864/Esboço*, Arsênio Cintra da Silva (EGBA 1865); *Tomada do forte de Itapirú pelas tropas brasileiras: campanha do Paraguai*, Antônio Araújo de Souza Lobo (EGBA 1868); *Bombardamento do forte de Itapirú pelo encouraçado Tamandaré*, Antônio Araújo de Souza Lobo (EGBA 1870); *Passagem do Humaitá por uma divisão da esquadra brasileira na noite de 19 de fevereiro de 1868*, Edoardo de Martino (EGBA 1870); *Batalha de Campo Grande: sobre um esboço a lápis de Angelo Agostini/ miniatura em esmalte*, Manoel Joaquim Valentim (1872); *Batalha de Campo Grande*, Pedro Américo de Figueiredo e Melo (EGBA 1872); *Batalha de Caraguataí no Paraguai a 6 de Setembro de 1869*, Ulrich Steffen (EGBA 1872); *Combate Naval do Riachuelo*, Victor Meirelles de Lima (EGBA 1872); *Passagem de Humaitá*, Victor Meirelles de Lima (EGBA 1876); *Campanha do Paraguai: Tomada da Ponte de Itororó pelo Intrépido Duque de Caxias, auxiliado pelos valentes generais Argolo e Gurjão, e pelo Coronel Fernandes Machado/Esboço*, Leopoldino Joaquim Teixeira de Faria (EGBA 1876); *Campanha do Paraguai: passagem do Passo da Pátria da Pátria pelo General Osório, Marquês do Herval/ Esboço*, Pedro Américo de Figueiredo e Melo (EGBA 1876); *Episódio da Guerra do Paraguai*, N. Panini (EGBA 1879); *A batalha de Avaí*, Pedro Américo de Figueiredo e Melo (EGBA 1879); *Um episódio da retirada da Laguna*, Antônio Firmino Monteiro (EGBA 1884);

⁷ COLI, Jorge. *Como estudar a arte brasileira do século XIX?* São Paulo: Editora SENAC, 2005.

Caxias na Guerra do Prata foi festejada pelo quadro de Joaquim Lopes de Barros Cabral.⁸

As representações de atos solenes, tais como Independência, juramentos, falas do trono e casamentos, envolvendo D. Pedro I, D. Pedro II e a Princesa Isabel,⁹ estiveram presentes nas Exposições Gerais, ao lado de inúmeros retratos de membros da família imperial, principalmente de D. Pedro II.

Se a presença de quadros alusivos à família imperial constitui fato esperado em uma sociedade de corte, referências à escravidão e a heróis populares, mesmo raras, surpreendem. A escravidão será lembrada indiretamente, privilegiando-se o processo de sua gradual extinção, através das leis abolicionistas.¹⁰ Quanto aos heróis populares, estes surgem relacionados aos naufrágios constantes à época.¹¹

Ainda quanto ao período imperial, encontramos como tema o esboço de Leopoldino de Faria sobre a morte

⁸ Joaquim Lopes de Barros Cabral, *Passagem do Exército Brasileiro no Rio Negro: frente do Estado Oriental*, 1852. (Pertencente ao Duque de Caxias, oferecido pelo autor)

⁹ **Atos solenes:** *Declaração da Independência*, François René Moreau (EGBA 1844); *Sua Majestade Dom Pedro I na Abertura da Assembléia Geral Legislativa em 1826*, Pedro Américo de Figueiredo e Melo (EGBA 1872). *Ato de coroação de Sua Majestade o Imperador [D. Pedro II]*, François René Moreau (1842); *Sua Majestade o Imperador Dom Pedro II falando ao povo na tarde do dia 5 de Janeiro de 1864/ Esboço*, Victor Meirelles de Lima (EGBA 1865). *O juramento de Sua Alteza a Princesa Imperial no Senado*, Frederico Tironi (EGBA 1862); *Ato Solene do feliz consórcio de Sua Alteza Imperial Dona Isabel com Sua Alteza Real o Conde d'EU/ Esboço*, Victor Meirelles de Lima (EGBA 1865); *Juramento de Sua Alteza a Princesa Imperial como Regente do Império, na sessão extraordinária da Assembléia Geral no Paço do Senado, no dia 22 de maio de 1871*, Victor Meirelles de Lima (1875).

¹⁰ **Escravidão - abolição gradual:** *Navio negreiro fugindo de um navio de guerra brasileiro*, Émile Rouéde (EGBA 1884); *A lei de 28 de Setembro de 1871/ Esboço [lei do ventre livre]*, Estevão Roberto da Silva (EGBA 1884).

¹¹ **Naufrágios:** *Cena do naufrágio do vapor Pernambuco*, Joaquim Lopes de Barros Cabral (EGBA 1860); *Retrato do mestre de sumaca*, Manuel Correa dos Santos, August Müller (EGBA 1841); *Retrato do intrépito marinheiro Simão, carvoeiro do vapor Pernambucana*, José Correa de Lima (1859).

do Desembargador Joaquim Nunes Machado, um dos líderes da Revolta Praieira (1848-1850).

2. Pesquisa qualitativa

O tratamento quantitativo permitiu identificar que temas foram privilegiados ou negligenciados na construção visual da história brasileira no âmbito das EGBA, restando agora o tratamento mais qualitativo na análise das obras, a começar por sua própria localização e reprodução fotográfica. Tarefa difícil, pois quase um terço das obras encontra-se desaparecido.

Interessa-nos o processo de **produção, circulação e recepção dos temas representados**. Clara está a disparidade das informações. Sobre os principais quadros, como a *Primeira Missa no Brasil*, de Victor Meirelles, e a *Batalha de Avai*, de Pedro Americo, existe considerável fortuna crítica, entretanto, sobre a maioria das obras e seus autores pouco sabemos.

Paralelamente ao levantamento das obras nos catálogos das EGBA, iniciou-se a pesquisa nos periódicos, localizando e digitalizando artigos referentes às EGBA. Artigos esses que permitem não somente perceber a recepção das obras pela crítica, mas também a obtenção de outros dados, tais como os objetivos das obras expostas ou sua propriedade. Além da recepção das obras nos periódicos, interessa-nos a posição da AIBA sobre elas, o que se espera perceber pela análise dos documentos da Academia pertencentes ao Museu D. João VI.

Ao privilegiarmos os temas das obras, duas questões se impõem de imediato: qual o interesse da época sobre os temas e quais as visões em pauta sobre os mesmos? Nesse aspecto, é necessário identificar as fontes de informação disponíveis aos pintores e quais foram as suas escolhas interpretativas. O trabalho do pintor ao dar materialidade ao fato histórico, como diria Pedro Americo,¹² requer pesquisa próxima à efetivada pelos historiadores. Muitos se apoiaram na nascente historiografia desenvolvida no interior do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. É comum encontrar-se nos catálogos textos explicativos das pinturas históricas expostas, algumas vezes, acompanhados da indicação da fonte historiográfica. Faremos nesse projeto uma relação entre o texto e a imagem, assim como entre ambos e a historiografia disponível na época sobre o tema; o que demandará grande controle sobre a produção historiográfica produzida ao longo do século XIX.

A título de exemplo, lembremo-nos que um dos temas destacados na construção da nacionalidade brasileira, a expulsão dos holandeses, apareceu nas EGBA dos anos de 1841, 1848 e 1879. As duas representações da década de 1840, “Magnanimidade de Vieira” e “D. Maria de Souza em Pernambuco”, realizadas pelo pintor José Corrêa de Lima (1814 - 1857), valorizavam o altruísmo português, com base em publicações do séc. XVII,¹³ Diferente da

¹² FIGUEIREDO, Dr. Pedro Americo de. *O Brado do Ypiranga*. Proclamação da Independência do Brasil. Algumas palavras acerca do facto historico e do quadro que o commemora. Florença: Typografia da arte della stampa, 1888.

¹³ Ver Comunicação apresentada no *III Seminário Museu D. João VI*, em 10 de maio de 2012: CHRISTO, Maraliz, *Representações da expulsão dos holandeses nas Exposições Gerais da Academia Imperial de Belas Artes: duas obras de José Corrêa de Lima*.

proposta apresentada por Victor Meirelles, da década de 1870, pautada na integração das três raças, em muito devedora da obra de Varnhagen, *História das lutas com os holandeses no Brasil*,¹⁴ que relativiza o papel do português João Fernandes Vieira.

É necessário ter-se preocupação constante com a contextualização dos temas. Abordar a expulsão dos holandeses na década de 1840, momento de implantação do segundo reinado, significou, por intermédio das obras de José Corrêa de Lima, afirmar não só o valor dos portugueses na expulsão dos holandeses, mas igualmente o poder da dinastia Bragança, cujo início se deu com o fim da União Ibérica e Restauração da Independência portuguesa, levando a aclamação de D. João, duque de Bragança, rei de Portugal a 1º de dezembro de 1640. Fato a partir do qual se inicia a expulsão dos holandeses do nordeste brasileiro. É provável que o mordomo da casa imperial, Paulo Barbosa, tenha recomendado a representação de temas que reforçassem a ideia de submissão ao poder português, a exemplo da sugestão dada por ele a Zeferino Ferrez (1797-1851) de realizar um baixo relevo sobre o gesto de fidelidade de Amador Bueno, recusando-se, em 1641, a ser proclamado rei de São Paulo e declarando-se súdito de Portugal.¹⁵ Na década de 1870, outras eram as preocupações. Durante a Guerra do Paraguai, a expulsão dos holandeses fora o exemplo de uma vitória do passado a inspirar o presente, momento de formação do povo

¹⁴ VANHAGEN, Francisco Adolfo de. *História das lutas com os holandeses no Brasil*. 2ª ed., São Paulo: Cultura, 1945 (1ª ed. 1871)

¹⁵ Zeferino Ferrez, *Heroica fidelidade de Amador Bueno da Ribeira: cena inspirada na história colonial de São Paulo, 1641*. Obra destruída.

brasileiro, pela união das três raças, e igualmente do exercito brasileiro.

Considerada por muito tempo o mais importante gênero da pintura, a representação de temas históricos contribuiu significativamente para a invenção das nacionalidades.¹⁶ Nesse aspecto, a identificação das encomendas públicas é extremamente relevante. Em muito se fala da ajuda de D. Pedro II aos artistas, principalmente com o “bolsinho do imperador”, entretanto, fora o trabalho de Guilherme Auler, de 1956, pouco se fez na identificação do mecenato estatal.¹⁷ Não sabemos o que era a coleção privada de D. Pedro II, em parte exibida nas EGBA. Algumas obras foram enviadas à Europa, em seu exílio, e outras se perderam nos leilões promovidos após a proclamação da República. O levantamento das obras que teriam pertencido ao Imperador implica em leitura sistemática de fontes volumosas e dispersas, a exemplo da documentação da Mordomia da Casa Imperial, principalmente os livros de receita e despesas, assim como o de contas da Imperial Casa.¹⁸

¹⁶ Tema já suficientemente claro, ver como exemplo: VEJO, Tomas Perez. "La pintura de historia y la invención de las naciones". *LOCUS*: revista de história. Juiz de Fora: NHR e EDUFJF, v.5 n°1, jul.1999. p.139-159, (8).

¹⁷ AULER, Guilherme. *Os bolsistas do Imperador*. Petrópolis, Tribuna de Petrópolis, 1956. Como bibliografia inicial conhecemos apenas: *Dom Pedro II e a cultura*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1977 (onde muitos documentos foram publicados); LACOMBE, Américo L. Jacobina. *O mordomo do imperador*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1994 (onde cartas de D. Pedro II ao mordomo Paulo Barbosa foram publicadas), SANTOS, Francisco Marques dos. "O leilão do Paço de São Cristóvão". *Anuário do Museu Imperial*, Petrópolis, v.1, p.151-316, 1940. Existe também o artigo abaixo, que, entretanto, pouco acrescenta à questão enfocada. BISCARDI, Afrânio. ROCHA, Frederico Almeida. O Mecenato Artístico de D. Pedro II e o Projeto Imperial. 19&20, Rio de Janeiro, v. I, n. 1, mai. 2006. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/ensino_artistico/mecenato_dpdro.htm>

¹⁸ No Museu Imperial de Petrópolis encontram-se 81 códices da Casa Imperial, mas essa não é toda a documentação necessária à pesquisa.

Ainda sobre as encomendas públicas, interessante estudar por que certas obras permaneceram em esboço, a exemplo da tela de Victor Meirelles sobre a questão Christie,¹⁹ ou sobre o casamento da Princesa Isabel e o Conde D'Eu.²⁰

A partir da análise das 65 telas referentes à história brasileira, presentes nas Exposições Gerais da Academia Imperial de Belas Artes, procurar-se-á perceber não somente a construção de um discurso oficial, mas também pinturas que a ele escapam. Esse é um ponto fundamental em nosso método de trabalho. Não consideramos essa produção de forma homogênea, tampouco atrelada mecanicamente ao poder estatal, embora seja da natureza da pintura de história sua vinculação ao poder que a financia, compra e expõe. Buscaremos enfatizar exatamente as obras que interrogaram o discurso oficial, mesmo que sutilmente.

Vejamos alguns exemplos.

O cadáver de Aimberê, chefe de uma das mais extraordinárias lutas de resistência indígena, A confederação dos Tamoios, causa silenciosa estranheza na tela de Rodolpho Amoêdo, embora amparado pelo padre Anchieta.²¹ A inquisição será lembrada no trabalho de Joaquim Lopes de Barros Cabral, baseado na cena do quinto ato da tragédia *Antônio José, o Judeu*, de Gonçalves de Magalhães. Apesar de o artista deter-se mais no

¹⁹ *Sua Majestade o Imperador Dom Pedro II falando ao povo na tarde do dia 5 de Janeiro de 1864/ Esboço*, Victor Meirelles de Lima (EGBA 1865)

²⁰ *Ato Solene do feliz consórcio de Sua Alteza Imperial Dona Isabel com Sua Alteza Real o Conde d'EU/ Esboço*, Victor Meirelles de Lima (EGBA 1865)

²¹ Rodolpho Amoêdo, *O último Tamoio*, 1883, óleo sobre tela, 180 x 261 cm. Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro.

cenário, pouco revelando o drama em curso,²² o tema por si só surpreende. A Conjuração Mineira será representada, principalmente após 1870 com o manifesto republicano. O exemplo mais radical será a tela de Leopoldino de Farias, onde Tiradentes responde firmemente seus algozes.²³ O cotidiano violento das cidades coloniais será fixado por Antônio Firmino Monteiro, na exposição de 1884, ao representar o temido chefe de polícia do Rio de Janeiro no período de D. João VI, o Major Miguel Nunes Vidigal (-1843), reprimindo trovadores andarilhos, ou o vice-rei Conde da Cunha obrigando subordinados a trabalhar.²⁴ A escravidão será abordada tão somente em telas que festejam as leis abolicionistas, entretanto os naufrágios ensejaram a oportunidade de se perpetuar em quadros a imagem de heróis populares, como o negro Marinheiro Simão, de José Corrêa de Lima.²⁵

O tema mais inesperado foi encontrado em pequeno esboço apresentado por Leopoldino de Faria, na última EGBA do período imperial: *Auto de vistoria feito no cadáver do Desembargador Joaquim Nunes Machado: projeto de quadro para ser feito em tamanho natural*. O Desembargador

²² Joaquim Lopes de Barros Cabral, *Um cárcere: cena do quinto ato da tragédia Antônio José*, 1860. Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro.

²³ Leopoldino Joaquim Teixeira de Faria. *Resposta de Joaquim José da Silva Xavier (Tiradentes) ao Desembargador Rocha, no ato da comutação de pena aos seus companheiros, depois da missa*. 1876. Óleo s/tela, Ouro Preto.

²⁴ Antônio Firmino Monteiro, *O Vidigal*, 1884; e *O Capitão João Homem*, 1884 (*Catalogo Illustrado da Exposição Artística na Imperial Academia das Bellas-Artes do Rio de Janeiro, organizado por L. de Wilde, com os desenhos originaes dos próprios artistas expositores*. Rio de Janeiro: Typographia e lithographia a vapor, Lombaerts & Comp., 1884).

²⁵ José Correia Lima. *Retrato do intrépido marinheiro Simão, carvoeiro do vapor Pernambucana*, c. 1853. Óleo sobre tela, 93 x 72,6 cm, MNBA. Sobre o quadro ver importante artigo: CARDOSO, Rafael. "José Correia Lima (1814-1857), Retrato do intrépido marinheiro Simão, carvoeiro do vapor Pernambucana". In: ____ *A arte brasileira em 25 quadros (1790-1930)*. Rio de Janeiro-São Paulo: Ed. Record, 2008, p. 45-53.

Joaquim Nunes Machado foi um dos líderes da Revolta Praieira (1848-1850) ocorrida em Pernambuco no início do segundo reinado. Mesmo sendo o último movimento rebelde no processo de construção do Império, cuja repressão tornou-se marco fundamental no projeto político centralizador, sua exposição em 1884 denota a fragilidade em que se encontrava o império às vésperas de seu ocaso. Infelizmente só conhecemos o quadro graças a uma charge de Angelo Agostini, na *Revista Ilustrada*.

Importante lembrar que Leopoldino de Faria apresentara em 1876, quadro onde Tiradentes aparece altivo, interpelando a autoridade colonial. Ao representar dois conhecidos desafidores do poder constituído em suas épocas, Tiradentes e Nunes Machado, dois péssimos exemplos, sob a ótica conservadora, Leopoldino inova. O que chama a atenção sobre esse artista pouco conhecido e a necessidade de melhor estudá-lo.

Outro artista cuja obra merece análise mais detalhada é Antônio Firmino Monteiro, artista negro e de humilde origem que apresentou novos temas e questões na última exposição do Império realizada em 1884. Em *Camões em seu leito de morte* o artista buscava a *verdade histórica* dos documentos, representando Camões dignamente, contrapondo-se à romantização da morte do poeta, tradicionalmente representado em miséria e abandono. Esse interesse pela *verdade histórica* pautara a produção de Firmino Monteiro, afastando-o dos discursos grandiloquentes. Recordemo-nos outras obras expostas pelo artista em 1884. *Alvarenga Peixoto no desterro* é

apenas um velho sentado cabisbaixo sobre uma pedra, sem nenhuma força moral ou convicção no devir. *Um episódio da retirada da Laguna* nos mostra a face mais triste da guerra, esquivando-se Monteiro dos grandes personagens para se fixar na luta pela sobrevivência de uma mulher anônima. Em *O Vidigal* e *O Capitão João Homem* o pintor mostra a repressão cotidiana contra a ociosidade, transitando entre a pintura histórica e a pintura de gênero, saindo da história oficial e adotando o anedotário bem humorado. As obras expostas deixam transparecer seu espírito crítico, por vezes melancólico, quanto à História do Brasil, onde as vítimas tornaram-se protagonistas.²⁶

Em síntese, o projeto objetiva realizar pesquisa quantitativa e qualitativa sobre a pintura de histórica apresentada nas Exposições Gerais de Belas Artes, entre 1840 e 1884, respondendo à seguinte questão: que temas da História do Brasil foram abordados, quando, como e por que?

Referências bibliográficas:

AULER, Guilherme. Os bolsistas do Imperador. Petrópolis, Tribuna de Petrópolis, 1956.

CARDOSO, Rafael. "José Correia Lima (1814-1857), Retrato do intrépido marinheiro Simão, carvoeiro do vapor Pernambucana". In: ____ *A arte brasileira em 25 quadros (1790-1930)*. Rio de Janeiro-São Paulo: Ed. Record, 2008, p. 45-53.

Catalogo Ilustrado da Exposição Artística na Imperial Academia das Bellas-Artes do Rio de Janeiro, organizado por L. de Wilde, com os desenhos originaes dos próprios artistas expositores. Rio de Janeiro: Typographia e lithographia a vapor, Lombaerts & Comp., 1884

CHRISTO, Maraliz de C. V., Representações da expulsão dos holandeses nas Exposições Gerais da Academia Imperial de Belas Artes: duas obras de José Corrêa de

²⁶ CHRISTO, Maraliz de C.V. *A História do Brasil apresentada por Antônio Firmino Monteiro na Exposição Geral Da Academia De Belas Artes de 1884*. Comunicação apresentada no *II Colóquio de História da Arte e da Cultura*, promovido pela UFJF, em outubro de 2012.

Lima. Comunicação apresentada no III Seminário Museu D. João VI, em 10 de maio de 2012.

CHRISTO, Maraliz de C. V., A América portuguesa representada nas Exposições Gerais de Belas Artes oitocentistas. Comunicação apresentada no III Colóquio de Estudos sobre Arte Brasileira do Século XIX – Intercâmbios Culturais entre Brasil e Portugal, em 31 de Agosto de 2012.

CHRISTO, Maraliz de C.V., A História do Brasil apresentada por Antônio Firmino Monteiro na Exposição Geral da Academia de Belas Artes de 1884. Comunicação apresentada no II Colóquio de História da Arte e da Cultura, promovido pela UFJF, em outubro de 2012.

COLI, Jorge. Como estudar a arte brasileira do século XIX? São Paulo: Editora SENAC, 2005.

Dom Pedro II e a cultura. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1977.

FIGUEIREDO, Dr. Pedro Americo de. O Brado do Ypiranga. Proclamação da Independência do Brasil. Algumas palavras acerca do facto historico e do quadro que o commemora. Florença: Typografia da arte della stampa, 1888.

LACOMBE, Américo L. Jacobina. O mordomo do imperador. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1994.

Levy, Carlos Roberto Maciel. Exposições Gerais da Academia Imperial e da Escola Nacional de Belas Artes. Período Monárquico. Catálogo de artistas e obras entre 1840 e 1884. Rio de Janeiro: Edições Pinakothek, 1990.

MELLO JÚNIOR, Donato. "As exposições gerais na Academia Imperial das Belas Artes no 2º Reinado". Revista do IHGB - Anais do Congresso de História do Segundo Reinado- Comissão de História Artística. Rio de Janeiro: IHGB, 1984, p. 203-352.

SANTOS, Francisco Marques dos. "O leilão do Paço de São Cristóvão". Anuário do Museu Imperial, Petrópolis, v.1, p.151-316, 1940.

VANHAGEN, Francisco Adolfo de. História das lutas com os holandeses no Brasil. 2ª ed., São Paulo: Cultura, 1945 (1ª ed. 1871)

VEJO, Tomas Perez. "La pintura de historia y la invención de las naciones". LOCUS: revista de história. Juiz de Fora: NHR e EDUFJF, v.5 nº1, jul.1999. p.139-159, (8).